

A vida?... É logo ali.

David Léo Levisky, 2018

São Paulo: Editora Blucher. 274 pp

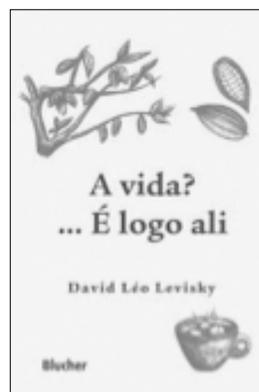
Alicia Beatriz Dorado de Lisondo¹

David condensa em *A vida?... É logo ali* – curioso título – a longa experiência clínica como psicanalista e escritor, com uma vasta cultura cosmopolita, musical, na arte da culinária, turística e suas raízes judaicas. O livro está atravessado por sua postura ética, valores humanitários e posição política. O enredo traz à baila o tempo da ditadura no Brasil e o contexto internacional em 1964.

Na América Latina, nos defrontamos com as dramáticas carências em saúde pública e especialmente em saúde mental de bebês, crianças e adolescentes com deficiências, que exigem tratamentos especializados de equipes multidisciplinares em *homes-care*, centros de reabilitação, escolas altamente capacitadas para uma inclusão verdadeira e oficinas de trabalho profissionalizantes assistidas.

David denuncia a situação de penúria e a falta de assistência do Estado nesta área que exige dos familiares e dos profissionais sensíveis criar alternativas na sociedade civil: ONGs, associações de pais, cooperativas, APAEs, AACDs, entre tantas outras.

No livro, Suzana e Paulo estão em Curitiba; Gabriela e Pedro, em São Paulo, dedicando-se arduamente à sustentação e à formação de um *taller* profissionalizante assistido, à fabricação de chocolate artesanal para os filhos



1. Analista Didata e Docente do GEP Campinas e da SBPSP. Filiada à IPA. Co-fundadora do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas. Analista de Crianças, Adolescentes e Adultos

com deficiências. Talvez este produto tenha sido o escolhido pelo autor para adoçar a vida...

Na transmissão psíquica transgeracional, os efeitos da Segunda Guerra Mundial e o massacre dos judeus configuram traumas não cicatrizados nos pais de Gabriela. Esta filha caçula carrega as cruzes dos mortos-vivos nunca sepultados. Esses imigrantes aterrorizados – ao invés de compreenderem a jovem filha *bicho grilo*, *hippie* – tentam o impossível controle ante o pavor que a ditadura impõe. Lina, filha de Gabriela, nasce após o aborto espontâneo da mãe. Ela inicia a vida sexual-genital quase repetindo a história materna. Sem dúvida, sua análise e a relação suficientemente boa com Gabriela lhes permitem buscar outros caminhos para sua vida.

“(...) Aprendi que há experiências na vida que deixam registros na memória que não se apagam”, confessa Gabriela sobre o aborto (p. 59)

Os personagens de Gabriela e Lina revelam a complexidade da relação materno-filial, potencializada pelos dois irmãos menores deficientes: Lucas e Fabinho. Ambas projetam a criação de uma fábrica de chocolate onde no futuro eles possam trabalhar. Sonho em vias de realização graças à perseverança, ao desejo e às forças de vida resgatadas em Gabriela, acesas através do namoro com Pedro e posterior casamento. Desse casal, surge na parceria amorosa a força da criação.

João, ex-marido dessa mulher lutadora, pai de Lina, já na apresentação dos personagens do livro (p. 7), aparece só como pai de Lina. Esse homem – eterno adolescente perturbado – não pode exercer as funções dele esperadas: oferecer *rêverie e holding* para sua parceira, ser o terceiro na relação mãe-bebê, sustentar sua família. A mãe sentia-se sozinha, desamparada, com dois meninos deficientes. Sua frágil personalidade colapsa. Na loucura, ela berra certas verdades. Paradoxalmente, essa crise é a oportunidade para mergulhar nas profundezas de seu ser e renascer psiquicamente.

David aposta com fé e esperança no poder revolucionário da psicanálise de alta frequência e de uma abordagem multidisciplinar, após a internação psiquiátrica de Gabriela por grave depressão psicótica.

As sucessivas mudanças catastróficas dessa paciente lhe têm permitido ressignificar a história e recriar perspectivas no futuro. Conquistas das análises individuais da mãe e da filha. A vida pode estar logo ali, só que é preciso encontrá-la e dela apropriar-se.

Gabriela, num lindo encontro com a filha, traz à baila sua história. Quando jovem, cega, não enxergava a intimidade de seu ser, nem podia enxergar seu parceiro – em quem se espelha. No entrecruzamento das loucuras juvenis, ambas fazendo uso de droga, atuavam sem poder pensar. Um paraíso, idealizado, em Jericoacoara, longe da “burguesa realidade massacrante”, lança-os na aventura para construir a vida lá. Nesse estilo de vida inconsequente, são surpreendidos com a primeira gravidez e o aborto espontâneo do primeiro filho, também com a concepção de Lina, e o acidente em que Gabriela fratura o tornozelo. Ela conta com o amparo de sua família de origem e, então, ela, envergonhada e ele, “tanto faz”, regressam a São Paulo.

Nasce Lucas com deficiências. Causas genéticas são afastadas. Eles apostam numa nova gravidez. Como conjectura imaginativa, indago: inconscientemente, que rede de fatores leva essa mulher a buscar uma terceira gravidez? Uma tentativa de reparação maníaca ante a paternidade frustrada, lesada, ferida em face das deficiências do filho, que reavivam culpas ancestrais? A repetição demoníaca de um vínculo cruel e sádico consigo própria e com João? A teimosia e o ressentimento por seu pai, forte opositor de seu relacionamento com João? Quais as missões que esse terceiro filho teria que cumprir? Um delírio de família feliz? Mistérios...

O autor, sem preconceitos, nos apresenta os encontros a três em jogos sexuais polimorfos entre Gabriela, João e Renata – a prestativa amiga. Também em delicada e sensível narrativa, David explora os sentidos da relação carnal entre essas duas meninas-mulheres.

Estados mentais primitivos afloram nessas personagens: a procura da adesividade, a colagem, pele a pele; a descoberta do corpo; o fogo da excitação sensorial; a busca de uma segurança básica na concretude do abraço; o corpo da parceira servindo como base de sustentação, num exoesqueleto pela falta do endoesqueleto; ser refletido no olhar do outro, num espelho vivo.

Lina era, quando menina-moça, um exemplo de *sobre Adaptação*. Ela atendia às expectativas da mãe e talvez dos irmãos, com suas janelas de consciência, para não se sentir egoísta, folgada, indiferente ao drama familiar. Ela é quase escrava de uma consciência moral sem moral, para lidar com suas culpas, fantasias e angústias. Os ideais maternos, sociais e culturais são os tiranos que a subjugam. Cabe a ela permitir que a mãe possa ser mãe. O difícil complexo fraterno também estrutura sua personalidade.

“Lina esforçava-se para ser uma criança boazinha, passando quase despercebida”, percebe Gabriela (p. 89).

Lina é capaz de enfrentar o confronto geracional, iniciar o doloroso percurso da separação da família de origem e conquistar uma relação de alteridade. Ela integra o projeto de sua tese sobre a história do chocolate com uma bolsa de estudos em Paris – com o aprendizado da fabricação artesanal desse produto e uma pesquisa de mercado na Europa. Sua motivação é colaborar com sua família para criar um lugar de trabalho para os irmãos no futuro. A preocupação com a possível independência financeira dos filhos com necessidades especiais atormenta os progenitores.

A deficiência de um filho lastima o narcisismo parental, deprime a autoestima, é fonte de vergonha, espelha a vulnerabilidade e o desamparo ontológico da condição humana, envenena a existência com culpas cumulativas, exalta fantasias salvadoras, maníacas e onipotentes num delírio de bondade. A sacudida existencial perante o trauma, quando trabalhado psicanaliticamente, permite a percepção da realidade, a aceitação das limitações, o resgate das possibilidades de vida e a revitalização das competências existentes, fontes de orgulho.

Hernandez, o paquera músico com quem Lina acaba se casando, encarna uma voz interna dessa namorada, que lhe permite ousar viver sua vida como uma jovem, com desejos de expandir seu mundo, estudar no exterior, sair de sua família de origem onde ela estava sufocada. Lina era a sua pior inimiga. França era seu sonho e, com esforço, ele foi realizado.

Com sua mãe, aparece no início desse projeto o confronto geracional. Gabriela já jogou muitas cartas na sua vida, embora muitas outras estejam na sua mão à espreita de criatividade e sabedoria. Ela aprende a respeitar sua filha, cuidar de sua vida, aceitar a penosa realidade de Lucas e Fabinho, que são o que são – e não os sonhados descendentes imaginários. Essa mulher madura joga acertadamente as cartas restantes.

Este livro merece figurar como bibliografia obrigatória nos cursos das equipes de saúde, programas de inclusão educacional, cursos paramédicos: terapia ocupacional, fisioterapia, fonoaudiologia e enfermagem, para se compreender o tsunami existencial que a deficiência de um membro provoca em toda a dinâmica familiar, além do árduo trabalho psicanalítico para que mudanças significativas aconteçam.

Pais, irmãos, filhos e avós exigem que a vida psíquica seja contemplada, ao menos, com as possibilidades que a psicanálise aplicada – fora dos muros do consultório particular – oferece. Campo fértil do interesse de David.

A conquista do autorrespeito e a dignidade como ser humano estão na contramão da vitimização. O sentimento de pena para com a pessoa deficiente é uma forma surda de violência, já que desqualifica seu *ser* e inaugura o processo degradante de desumanização, reduzindo o outro a um coitado. **Trata-se de um ser com deficiências e não de um deficiente, nome que estigmatiza e enclausura uma personalidade.**

Com *Lechaim* e *Shalom* celebram na Bélgica ambos os casamentos: Gabriela e Pedro; Lina e Hernandez. Também assim mãe e filha despedem-se no final do livro, quando a mulher adulta no Brasil, ao retornar da lua de mel, telefona para Lina em Paris, após emocionante reencontro.

Lechaim remete aos brindes pela vida, não ao vinho dado para apagar os sentidos dos condenados à morte ou a dor dos enlutados. Será este o terreno onde se enraíza o título do livro? *Shalom* é uma palavra hebraica que significa paz, harmonia, integridade, prosperidade, bem-estar e tranquilidade. Tanto Gabriela quanto Hernandez, com uma origem também judaica, podem identificar-se com as forças de vida para sobreviver às tragédias impensáveis.

Recebido:26/11/18

Aceito:12/3/19

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo
Rua José Morano, 313 - Nova Campinas
Campinas – SP – CEP:13100-055
(19) 3251-5059
Rua Paraguaçu, 174 – Perdizes
São Paulo – SP – CEP: 05006-010
(11) 3873-8567
alicia.beatriz.lisondo@gmail.com